



Pedro Carlos Pereira
DEMAT/ICE/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Brasil
pecape@ig.com.br

A Educadora Maria Laura Mouzinho Leite Lopes: um fragmento de sua edificação Matemática (CO)

Resumo

Tendo como ponto norteador a história oral, e no desejo de contribuir para o clarificar da História da Educação Matemática no Brasil, o presente trabalho aporta-se na formação matemática da Professora Maria Laura Mouzinho Leite Lopes e como ela vem contribuindo para cada vez mais solidificar a Educação Matemática brasileira. O traçado do trabalho se desenvolve a partir do olhar analítico de sua trajetória de formação escolar e acadêmica nacional e internacional. Observa-se que durante este percurso, há um momento em que a Prof^a Maria Laura toma conhecimento do como ensinar e aprender Matemática sob a metodologia francesa apresentada pelo IREM. Outro ponto abordado são as intervenções que Prof^a Maria Laura deu na criação de sociedades científicas na área de Matemática e Educação Matemática no Brasil, grupos de pesquisa e cursos de pós- graduação em Educação Matemática no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: História da Educação Matemática. Formação de Professores. Estudo e Ensino de Matemática. História das Ciências no Brasil. Educação Matemática Brasileira. Educadora Maria Laura.

1. Sob o olhar da história

O que o homem conhece não se compara ao que ele ignora.
Chuang-Tsé

Durante nosso trabalho analisamos depoimentos que visam reconstruir fragmentos da história da Educação Matemática no Brasil a partir de diferentes momentos da história da vida e obra da professora Maria Laura.

Uma das formas de realizar nosso estudo foi através de uma análise de fatos e acontecimentos relatados pela própria professora Maria Laura. Nesse resgate da história ao longo de sua trajetória profissional e pessoal, pode ser possível compreender um pouco de como se deu a constituição da Educação Matemática brasileira.

Não temos como registrar a história de forma definitiva, mas podemos colocar os fatos da história em uma determinada ordem, fatos que são os elementos constitutivos desse universo denominado história. Portanto, o trabalho pode ser apresentado entre vertentes conflituosas que entremeiam a história oral, sabendo que podemos entender que minha atitude diante da pesquisa é de um olhar indiscreto, à procura de vestígios e comprovações que possam elucidar minhas perguntas.

Para Amado & Ferreira (2001, p.16), a história oral é:

como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como parte entre teoria e prática.

Para outros historiadores, como por exemplo, Meihy (2005), a história oral é uma disciplina, ou seja, uma área de estudos que possui seu próprio objeto e habilidade de gerar soluções teóricas para procurar responder possíveis questionamentos. Porém, há pesquisadores que trabalham a história oral como uma técnica para a preservação de acervos. Portanto, a história oral pode ser pensada como um processo de aquisição de fontes gravadas e inscritas no tempo presente, procurando responder um sentido utilitário, prático e social que não venha se esgotar neste tempo, pois os documentos obtidos durante a realização de um trabalho tornam-se uma memória acessa a novas curiosidades sobre a certeza das análises dadas até o momento.

Ao nos reportamos a textos sobre história de vida, podemos observar que JOSSO (2002, p. 15) assinala também a validade de tal metodologia para a delimitação de um novo território de reflexão abrangendo a formação, a auto-formação e as suas características, bem como os processos de formação específicos para públicos específicos.

Assim, podemos ter um olhar da história da Educação Matemática produzida por meio da narrativa de Maria Laura que se limita a uma entrada que permite fornecer embasamento para a realização de uma idéia e concretização de um ideal. Ou olhar pelo viés que a experiência é formadora de uma aprendizagem e que é capaz de criar relações entre o saber e o fazer gerando conhecimentos, significados e valores num espaço-tempo que proporciona a cada um a oportunidade de traçar para si, e para o seu envolvimento, uma diversidade de registros, servindo de base para descrever e compreender o seu ambiente.

A narrativa oral ou escrita de uma trajetória intelectual e da prática de conhecimento põe a história em evidência, isto é, torna clara a necessidade de registrar toda manifestação de desafios do conhecimento ao longo da vida.

Nesse termos, Meihy afirma que:

História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, argumentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pesquisa e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva. (MEIHY, 2007, p. 17)

Estando presente e viva, a história pode nos auxiliar na constatação de que o conhecimento é fruto da própria experiência e que há uma dialética entre o saber e o

conhecer, e que estão sempre presentes na elaboração de uma vivência em experiência formadora, implicando na mediação de uma linguagem e no envolvimento de competências culturalmente herdadas e que são representadas em diferentes contextos.

Sendo todas as narrativas fundamentadas em uma razão e, em determinados momentos, por um direito, podem vir a dar subsídios para uma prática institucional e até mesmo profissional. Desse modo, Josso (2002, p. 73) afirma que os saberes servem-nos a propósito de tudo, explícita ou implicitamente, para nos confirmarem uma opinião e legitimar uma maneira de pensar, de fazer ou de nos comportarmos, mas igualmente como fonte para as compreensões que procuramos a propósito de nós mesmos, ou de outros, as evoluções que sonhávamos e as transformações nas quais participamos.

Segundo Valente (2008, p.662), Antoine Prost diz que a produção histórica não se define nem por seu objeto, nem por seus documentos na acepção usual da palavra, mas pelos traços observados no presente ao ser reler este passado. Esta noção é vista em:

Não existem fatos históricos por natureza. Eles são produzidos pelos historiadores a partir de seu trabalho com as fontes, com os documentos do passado, que se quer explicar a partir de respostas às questões previamente elaboradas. Assim, não há fontes sem as questões do historiador¹.

Todo esse procedimento histórico tem um valor cultural importante. Porém, todo esse processo de produção do fato histórico pelo pesquisador implica em identificar como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler.

Cada processo da história possui seu próprio conceito, o que vem permitir a formação de um conjunto de informações que possam definir a forma de pensar de um determinado momento no tempo. Esse conjunto de informações pode ser obtido através de entrevistas, como técnica adotada em história oral que tem fundamentos historiográficos, pois se põe como um procedimento cuidadoso na organização de fontes históricas, e seu desenvolvimento pode trazer no seu bojo documentos escritos e fotográficos cujo acesso, de outro modo, seria um pouco mais difícil.

Assim, podemos compreender que, fazendo a releitura e o reemprego das fontes por nós utilizadas, geraremos novas fontes próprias para restituir as maneiras de pensar ou de sentir de um determinado momento. É o que pretendemos realizar nessa investigação.

Analisar fatos históricos situados num determinado período do tempo nos leva para outro patamar, para outra forma de pensar e agir, que, muitas vezes, pode ser distorcida conforme o relato de quem a escreve. Para tanto, a pessoa que escreve deve possuir um grau de imparcialidade, permitindo que os documentos e os relatos das pessoas envolvidas com o fato tenham mais relevância, fazendo com que as idéias e ideais do pesquisado sejam perpetuados pela razão do existir.

Cabe ressaltar o ponto de vista de Garnica² (2005, p.5) sobre as questões éticas que são envolvidas no decorrer do processo de pesquisa, que se deve concentrar a

¹ Valente, W. R. A investigação do passado da educação matemática. Investigación em educación Matemática. Badajoz. Universidade de Badajoz, v. 12, p. 659 – 667, 2008.

² Garnica, A. V. M., Martins-Salandim, M. E. e Souza, M. A. História Oral na Educação Matemática: possibilidades. Texto apresentado no IX ENEM, em Belo Horizonte, 2007

atenção em um determinado fato a partir de um princípio de escolha, bem como identificar a interdependência entre fatos, documentos e questões..

Segundo Burke, apud Valente (2008), diz que a história faz-se com documentos escritos, quando existem, e até mesmo, na sua falta, ela pode e deve fazer-se. Diz ainda que, a parte mais apaixonante do trabalho do historiador está em tornar as coisas que são silenciosas em verdadeiras e significativas jóias. E é nesse sentido que se deseja caminhar, tomando como referência o percurso traçado pela professora pesquisada e apresentar algumas contribuições que foram dadas para se constituir a Educação Matemática brasileira. No entanto, aspiramos que nossa produção acadêmica possa vir a suscitar indagações ulteriores e contribuir no desenvolvimento de novas pesquisas.

2. A edificação Matemática: o caminho

A prática deve alicerçar-se sobre uma boa teoria.

Leonardo da Vinci

Antoine Prost diz que, para um acontecimento se tornar histórico, necessita-se que o fato tenha capacidade de ser provocador de mudanças.

Vários fatos e acontecimentos geraram mudanças na vida da professora Maria Laura. Um deles é que desde menina tinha o sonho de fazer um curso de nível superior na área de ciências, e em seu depoimento diz: *uma das minhas professoras do Colégio Sion, uma das freiras, perguntou o que eu desejava fazer ao sair do colégio e eu respondi, acho que engenharia ou matemática, o que gerou um espanto, pois esta não era uma profissão comum para as mulheres da época.*

Tendo realizado o Exame de Madureza com sucesso, se prepara durante todo o ano de 1937 para o vestibular de Engenharia. E no ano de 1938, após realização das provas do concurso, tem uma decepção ao saber o resultado: *não aprovada.*

O fato da sua reprovação no vestibular para a Engenharia foi muito ruim para esta área de conhecimento, mas ótimo para a Matemática. Assim, o destino lhe proporciona uma linda surpresa no ano de 1939. O que causou uma enorme mudança na vida da Maria Laura e do início de uma nova jornada na Matemática do Brasil.

Ao encontrar com seu professor Luiz de Barros Freire (1896-1963), este lhe pede que o procure na Universidade do Distrito Federal (UDF) com os resultados do vestibular. Após analisar, de forma minuciosa e criteriosa, os resultados obtidos por ela no vestibular e tendo em vista sua aprovação em Física e Matemática para o Curso de Engenharia, pois só tinha sido reprovado na prova de desenho, lhe considerou apta para fazer parte do corpo discente do Curso de Matemática da UDF. Diante desta resposta, a Maria Laura começa a realização do seu sonho.

Com efeito, a Universidade do Distrito Federal fora criada no ano de 1935, pelo Decreto Municipal nº 5.513 de 4 de abril de 1935, na passagem do Professor Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) na Secretaria de Educação do Distrito Federal, tendo sido extinta em 1939, e como consequência originou a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), com uma nova perspectiva de unidade da universidade brasileira, por meio do

acordo firmado entre o Governo Federal, do então Estado Novo, tendo como presidente o Sr. Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), e o Prefeito do Distrito Federal, o Sr. Pedro Ernesto Batista (1884-1942), que teve sua administração marcada por realizações no campo da Saúde e da Educação, com a ajuda de Anísio Teixeira, signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Mais uma vez me reporto no dito popular: *alegria de pobre dura pouco*, porque a UDF teve somente 15 dias de aula, uma existência curta. Pois a UDF fora extinta por Decreto Lei do Governo Provisório do Presidente Getúlio Vargas, Decreto Federal nº 1.063/39.

Assim, todos os alunos e professores, entre eles Lélío Itapuambyra Gama (1892-1981) e Joaquim da Costa Ribeiro (1906-1960), foram transferidos, em março de 1939, para o Curso de Matemática da recém criada Faculdade Nacional de Filosofia (FNF), pelo Decreto lei nº 1190 de 4 de abril de 1939.



Prédio da Faculdade Nacional de Filosofia (E001.1; acervo Proedes/FE/CFCH/UFRJ; rep. Tatiana Pacheco)

Figura 1

Não posso deixar de citar que a criação, em 1939, da Faculdade Nacional de Filosofia foi uma obra solicitada pelo então Presidente Getúlio Vargas, para integrar as diferentes unidades de ensino superior da cidade do Rio de Janeiro, que envolvia várias áreas do conhecimento em um só local. Para tanto, vários docentes estrangeiros foram contratados para lecionar nesta nova Instituição de Ensino Superior, tendo como finalidade criar um centro difusor do saber científico no Estado do Rio de Janeiro.

No que diz respeito à área da Matemática, contratou-se no primeiro momento os matemáticos italianos Gabrielle Mamana de Análise Superior, substituindo o Prof. Lélío

Gama, Achille Bassi (1907-1973) professor de Geometria, que, segundo Maria Laura, (...) *o Bassi que poderia ter feito um trabalho interessante conosco não o fez. Era uma personalidade muito estranha, mas competente, sabia bastante geometria*³ e Luigi Sobrero professor de Física Matemática e Física Teórica.

Em seguida, por indicação de Albert Einstein (1879-1955), John Von Neumann (1903-1957) e Guido Beck (1903-1989), a FNFi contrata o matemático português António Aniceto Ribeiro Monteiro (1907-1980), que em Portugal foi um professor muito atuante. Contribuiu na fundação, em 1936, do Núcleo de Matemática, Física e Química em Lisboa e juntamente com Hugo Ribeiro, J. da Silva Paulo e M. Zaluar Nunes criam a revista *Portugalia Mathematica*, em 1937. No ano de 1939, colaborou na organização do Seminário de Análise Geral, e no mesmo ano, com Bento de Jesus de Caraça, Hugo Ribeiro, J. da Silva Paulo e M. Zaluar Nunes, fundam a *Gazeta de Matemática*. Em 1940, fundou a Sociedade Portuguesa de Matemática, exercendo o cargo de primeiro secretário-geral. Por motivos políticos, teve sua carreira universitária interrompida em Portugal, recusando-se a assinar o documento que declarava o apoio a ditadura do governo de Antonio de Oliveira Salazar (1889-1970).

Dentre os demais estrangeiros que passaram pela FNFi, chamamos a atenção para os matemáticos Jean Alexandre Eugène Dieudonné (1906-1992) um dos criadores do Grupo Bourbaki, Laurent Schwartz (1915-2002), que recebeu em 1950 a Medalha Fields, o maior prêmio que um matemático pode obter em sua carreira, Warren Ambrose (1914-1996), Abraham Adrian Albert (1905-1972) e Marshall Harvey Stone (1903-1989).

A FNFi era constituída dos departamentos de Matemática, Física, Química, História Natural, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Clássicas, Letras Anglo Germânicas, Filosofia e Pedagogia. O Departamento de Matemática tinha como formação as Cátedras de Análise Matemática e Análise Superior, Geometria e Complementos de Matemática e suas atividades pedagógicas estavam voltada para o ensino-pesquisa-extensão, princípios herdados da UDF.

Em 1948, durante o ano letivo na FNFi, permaneceu como visitante do Departamento, de Matemática o matemático americano professor Adrian Albert, da Universidade de Chicago que lecionou o primeiro curso de Álgebra, que foi denominado de Álgebra Moderna, de acordo com Adrian Albert, *Modern Higher Álgebra*, University of Chicago Press, 1937. Satisfeito com o trabalho que vinha realizando no Brasil, este matemático convida o professor Marshall Stone, da Universidade de Chicago que, por ora, desenvolveu no Departamento de Matemática a disciplina Anéis de Funções Contínuas.

Em fins de 1949, o Departamento de Matemática convida o Prof. Ambrose, professor da Universidade de Michigan, que foi agraciado, anos depois, Professor Emérito de Matemática no Massachusetts Institute of Technology que, durante três meses, desenvolveu um curso sobre resultados recentes da teoria de representação de grupos localmente compactos. Já no ano de 1953, o Professor Jean Dieudonné, da

³ Mouzinho, Apud Fávero, 1992, p.380

Universidade de Paris, ministrou uma disciplina sobre Resultados Recentes da Análise Harmônica.

Todos estes matemáticos contribuíram para a criação e formação de um corpo crítico de matemáticos brasileiros. Dentre esses matemáticos brasileiros, encontra-se Maria Laura, que tinha, e tem até hoje, conforme depoimento de vários professores uma capacidade de construir um saber que pode ser observado por seus alunos e companheiros de jornada.

No ano de 1941, Maria Laura se formou Bacharel em Matemática. Em seguida, no ano de 1942, conclui a Licenciatura em Matemática, tornando-se *Professora Maria Laura*. Nesta ocasião ela adquiriu a carteira de registro de professora do MEC como professora de Matemática e Física, o que podemos comprovar nas fotos abaixo.



Figura 2
Carteiras de Registro de Professor, em 1944

Por consequência de toda sua dedicação nas atividades pedagógicas e do bom relacionamento com seus colegas, o seu trabalho lhe rendeu junto com a Prof^ª Moema de Sá Carvalho a contratação como Professoras Assistentes da Cadeira de Geometria pela FNFi.

Por ter uma característica transformadora e inovadora, a professora Maria Laura deseja mais para si e os demais que estão em sua volta e de acordo com Prost (2008) como:

O pesquisador vai resolvendo, sucessivamente, as lacunas, sempre insatisfeito e cada vez mais consciente de sua ignorância. (p. 237)

Procurando embrenhar-se em novas sendas para não se manter na inércia e segura de suas afirmações diante da necessidade de se tornar cada vez mais capaz na sua função como professora da FNFi, a professora dá início a sua formação continuada. Engendrou durante os seis anos seguintes no seu trabalho de *LIVRE DOCÊNCIA* intitulado “*ESPAÇOS PROJETIVOS - RETICULADO DE SEUS SUB – ESPAÇOS*”, orientado pelo matemático português Professor António Aniceto Ribeiro Monteiro, que

em 24 de setembro de 1949 lhe rendeu o título de *DOUTOR EM CIÊNCIA (MATEMÁTICA)*.

Aqui nos cabe uma interrogação. O professor Clóvis Pereira da Silva afirma em seu livro “*A Matemática no Brasil: uma história de seu desenvolvimento*”, página 147:

Aliás, a primeira brasileira a obter o grau de doutor em Matemática fora a Professora Elza F. Gomide, na USP, em 27 de Novembro de 1950. Sua tese fora orientada pelo Professor Jean Delsart. De passagem, informamos que desde a segunda metade do século XIX algumas universidades da Europa, dos Estados Unidos da América do Norte e do Canadá já admitiam estudantes mulheres em seus programas de doutoramento em Matemática (1999).

O que fazer diante dessa situação?

Com dúvida nesse embate, resolvi pedir ajuda ao professor Ubiratan D’Ambrósio, enviando-lhe um e-mail, solicitando sua opinião sobre o fato. Em resposta a minha pergunta, o professor Ubiratan me responde e, em seu e-mail enviado no dia 8 de dezembro de 2009, diz:

Sobre a 1ª mulher, é só uma questão de regimento universitário. A Maria Laura fez a Livre Docência direto, o que era uma posição universitária e que automaticamente atribuía o título de doutor. A Elza defendeu o doutorado. Nem precisa ser professor universitário para ser Doutor. Depois teve que fazer a Livre Docência, pois na USP para fazer a Livre Docência tinha (e tem) que ser Doutor.

Diante das opiniões apresentadas, podemos afirmar que, pelo fato do trabalho apresentado pela Profª Maria Laura ter o primeiro registro aceito pelas comunidades científicas e acadêmicas, cabe a ela o título de **Primeira Doutora em Matemática no Brasil**, e não a Profª Elza Furtado Gomide como era dito.

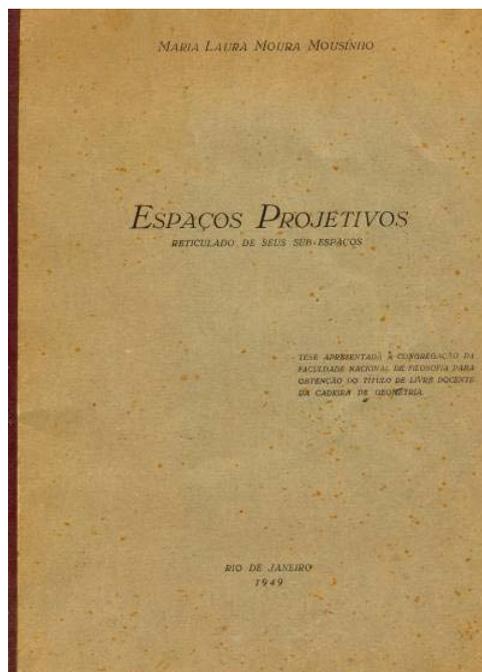


Figura 3
Capa do livro de Tese da professora Maria Laura no ano de 1949

Sendo impedida de fazer algo mais pela educação no seu País, no ano de 1969 Maria Laura segue rumo aos EUA, só que em condições bem diferentes: EXILADA. Permanecendo por pouco tempo, pois em seguida, toma uma nova direção com sentido a França, sendo mais preciso, em Estrasburgo.

Em depoimento, sua filha Ângela relata:

Em 1969, quando a perspectiva de ir embora do Brasil se tornava incontornável, lembro que, dentre os vários convites de universidades estrangeiras recebidos por meu pai, a Universidade do México fazia o convite a ele e a minha mãe. Acabamos, entretanto, partindo primeiro para Pittsburgh, EUA, onde meu pai lecionou em 1969/1970 na Carnegie Mellon University, e logo depois para Estrasburgo, França, onde ele seria professor da Universidade Louis Pasteur até a sua aposentadoria compulsória por idade.

Enquanto aqui no Brasil, persistindo, durante o período militar, o terrível problema do descaso pela educação geral do povo, milhões de crianças, jovens e adultos, principalmente nas regiões Norte e Nordeste, continuaram sem freqüentar escolas por não existirem vagas suficientes, e das crianças que conseguiam matrícula, somente uma minoria tinha condições de prosseguir os estudos. Em Estrasburgo, a professora Maria Laura dava seus primeiros passos no sentido da transformação do chumbo colocado em sua vida em ouro. É nesta cidade onde o processo de alquimia ocorre por real.

É na França, em Estrasburgo, no *Institute de Recherche en Enseignement de Mathematiques (IREM)*, que a professora tem sua iniciação em estudos direcionados a Formação Continuada de Professores e a desenvolver pesquisa na área de Didática da Matemática, como na França é chamado a Educação Matemática.

Os IREM são institutos de pesquisas que tem como foco central o estudo dos problemas específicos na área da educação e do ensino da Matemática, que aparecem em todos os níveis de escolaridade.

As ações do IREM estão envolvidas em treinamento dos professores baseados fundamentalmente na pesquisa em ciências da educação e na aplicação das atividades elaboradas pelo grupo em sala de aula, além da Epistemologia e Didática da Matemática, produção e difusão de sustentações educacionais, como artigos, livros, manuais, revisões, software, originais multimídia, etc. Nessa vertente, o instituto permite desenvolver capacidades, consolidar e ampliar o pensamento crítico do professor e pesquisador visando à melhoria da qualidade do ensino de Matemática. Desse modo, o estudo da pesquisa contribui para avanços de uma das áreas estratégicas para o desenvolvimento do aluno, no qual as avaliações evidenciam problemas que necessariamente terão que ser superados por todos os envolvidos com o ensino e aprendizagem da Matemática.

A partir dos contatos obtidos com professores e pesquisadores que desenvolviam pesquisas em Didática da Matemática, dentre eles Luciene Felix, Georges Glaeser, François Pluvinage e Claire Dupuis, é que Maria Laura se encanta mais uma vez com a Educação, com a Matemática e principalmente com a Educação Matemática.

A professora Maria Laura sempre esteve preocupada com a Formação de Professores, mas, inicialmente, voltada com a devida importância e primazia nas

pesquisas em Matemática, até pela posição que ocupava na UFRJ e nos demais institutos e entidades científicas. Mas é aqui em Estrasburgo, no grupo do professor Glaeser, por meio da sua colaboração na pesquisa em geometria e com o contributo de seu conhecimento para esta área, que esse começo de trabalho no IREM lhe permitiu o ingresso em novos saberes, novas metodologias de Ensino e de Aprendizagem em Matemática, uma verdadeira troca de experiências.

Esse novo caminhar da professora Maria Laura lhe faz uma novel nesta área de conhecimento. Mas com uma atuação diferente das que estava acostumada, teve o seu ponto de partida num trabalho com professores das séries iniciais e com crianças da pré-escola, envolvendo os conceitos básicos da geometria finita, que através de uma dinâmica proposta por um jogo, foi possível que os próprios alunos viessem a estabelecer as regras desse jogo, que eram os axiomas necessários para a construção da geometria finita.

Toda sua participação de forma voluntária, mas ativa e dedicada como lhe é peculiar, lhe resultou no desenvolver desse trabalho, no início do ano letivo de 1972-1973, um contrato de Professora Visitante, tendo como tarefa principal a de dinamizar as sessões de reciclagem dos professores envolvidos no referido projeto. Como parte do resultado do trabalho da professora Maria Laura no IREM tem-se a publicação do Livro *Une Introduction à La Didactique Expérimentale des Mathématiques*, coordenado pelo professor Glaeser.

Todo esse processo de aquisição da metodologia francesa de ensinar e aprender Matemática se passa durante os anos de 1972 até meados do ano de 1974, pois em seguida Maria Laura volta para o Brasil com toda a experiência adquirida do IREM

É a partir desse princípio metodológico, das idéias e dos ideais da Educação Matemática e da experiência adquirida no IREM, que Maria Laura, junto a uma equipe de professores, em 1976, no Rio de Janeiro, cria o *Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática (GPEM)*. Em seguida, ao reassumir suas funções na UFRJ e vencendo as resistências naturais dos professores do Instituto de Matemática (IM), criou, em 1983, com uma equipe de professores do IM, o *Projeto Fundação (PF-MAT)*. E, no ano de 1988, com diversos pesquisadores brasileiros, funda a *Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM)*.

Em 1980, Maria Laura fazendo parte da diretoria do GPEM, com sede na Universidade Santa Úrsula (USU), no Rio de Janeiro, e com ela conveniada, promove o primeiro *Curso de Pós-Graduação Lato Sensu com Especialização em Educação Matemática* do Brasil. Tornando-se o embrião do primeiro *Curso de Mestrado em Educação Matemática* do Estado do Rio de Janeiro e segundo do Brasil, também oferecido sob a chancela da USU. Tendo a idéia de ampliar o número de pesquisadores em Educação Matemática no Rio de Janeiro, e principalmente no âmbito nacional, a professora Maria Laura junto à equipe do PF-Mat idealizaram e implantaram, no ano de 1993, o *Curso de Especialização em Ensino de Matemática*, no IM/UFRJ, em nível de pós-graduação lato-sensu. Os louros desse curso contribuíram incisivamente para a criação do *Mestrado em Ensino de Matemática* do referido Instituto, no ano de 2006.

Pela sua lisura durante os 65 anos de vida acadêmica no UFRJ, iniciados como aluna da FNFi, acreditamos ser de total merecimento que a professora Maria Laura seja agraciada com o título de *Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Este fato muito importante na vida de um profissional ocorreu em 1 de julho de 1996.



Figura 4
Diploma de Professor Emérito da professora Maria Laura

O reconhecimento pela sua profissionalização não é recente. O Laboratório de Memórias do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), situado no tradicional bairro de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro, por iniciativa da coordenação, professora Heloisa Maria Bertol Domingues, também lhe rendeu homenagens por sua contribuição na Educação Matemática brasileira no ano de 2000.

Por fim, em Decreto publicado no Diário Oficial da União em 28/12/2010, a Ordem Nacional do Mérito Científico (ONMC) admitiu 51 novos membros, nas classes Grã-Cruz (oito) e de Comendador (43), dentre os Comendadores consta o nome da Professora Maria Laura.

3. Conclusão

Bem, agora estamos no final. Uma interrogação nos assola: como concluir os quefazeres se a atriz principal da nossa pesquisa é uma pessoa que está atuando entre nós, de forma ativa e incisiva?

Cabe-nos, então, pensarmos como o poeta, é preciso encontrar na arte de viver os atos e as atitudes certas para que a vida tenha o sentido que desejamos.

Assim, escolher uma profissão também faz parte da arte do encontro. Uma profissão só adquire vida quando nós lhe emprestamos nossa vida, pelo resto da vida. É

o que faz a professora Maria Laura durante seus 92 anos de vida e mais de 70 de magistério.

Acreditamos que cada pessoa carrega consigo um potencial que nem ela mesma imagina ter. Potencial este que se realiza na medida em que vai se conhecendo a si mesmo. Conhecer a si mesmo é participar ativamente e intensamente da vida, saber quem é você e ser o melhor possível naquilo que você é. Cremos que seja esse o mote da vida da Maria Laura, procurando fazer o melhor de si, ser uma pessoa otimista, procurando e esperando sempre que o melhor lhe aconteça. Assim sendo, é possível ressaltar que a professora Maria Laura está sempre olhando para frente, para o futuro. Decidindo, estimulando e criando, ininterruptamente, com um ato de coragem.

5. Bibliografia

- Azevedo, F. (org) (1974). *As Ciências no Brasil*, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Bicudo, M. A. V., Garnica, A. V. M. (2006). *Filosofia da Educação Matemática*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, Coleção Tendência em Educação Matemática.
- Cadiou, F. [et al] (2007). *Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa*. Tradução de Gisele Unti. Petrópolis, RJ; Vozes, 2007.
- Castro, F. M. de O. (1999). *A Matemática no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.
- D'Ambrósio, U. (2008). *Uma História Concisa da Matemática no Brasil*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- (2009). *Depoimento cedido a Pedro Carlos Pereira* em e-mail em dezembro, São Paulo.
- Debert, G.G. (2001). *Problemas relativos à utilização da história oral de vida e história oral*. In Amado, J.; Ferreira, M.M. *Usos e abusos da história oral*. 4ª ed. Rio de Janeiro: FGV.
- Favero, M. L. (1989). *Faculdade Nacional de Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, v. 1, p.4.
- (1992). *Faculdade Nacional de Filosofia: depoimentos*. Rio de Janeiro: Proedes, UFRJ.
- Garnica, A. V. (2007). *História Oral em Educação Matemática*. 84 p., Coleção História da Matemática para Professores, Guarapuava; SBHMat.
- (2007). *História Oral em Educação Matemática: o estado da arte*. Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática", CNPq/UNESP
- Garnica, A. V. M., Martins-Salandim, M. E. e Souza, M. A. (2007). *História Oral na Educação Matemática: possibilidades*. Texto apresentado no IX ENEM, em Belo Horizonte.
- Ivanishevich, A. (2009). *Maria Laura Mouzinho Leite Lopes: uma realista esperançosa*. São Paulo; Revista de divulgação científica: Ciência Hoje, pp. 68-77, vol.44, outubro.
- Josso, M. C. (2002). *Experiências de Vida e Formação*. Lisboa: Educa.

- Lopes, A. M. L. (2009). *Depoimento concedido a Pedro Carlos Pereira* em agosto, Rio de Janeiro.
- Meihy, J. C. S. B. (2005). *Manual de História Oral*. São Paulo; Loyola.
- Meihy, J. C. S. B. e Holanda, F. (2007). *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo; Contexto.
- Pereira, P. C. (2010). *A Educadora Maria Laura: contribuições para a constituição da Educação Matemática no Brasil*. Tese de Doutorado em Educação Matemática, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Piletti, N. (1996). *História da Educação no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Ática.
- Romanelli, O. de O. (1993). *História da Educação no Brasil*. 15. ed. Petrópolis: Vozes.
- Silva, C. P. da. (1999). *A Matemática no Brasil: Uma história de seu desenvolvimento*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS.
- Souza, C. M. de. (2008). *O Newton do Brasil: a biografia do cientista brasileiro Joaquim Gomes de Souza*. Recife, PE. Editora da UFRPE.
- Valente, W. R. (2008). *A investigação do passado da educação matemática*. Investigación em educación Matemática. Badajoz. Universidade de Badajoz, v. 12, p. 659 – 667.